

A FORMAÇÃO DE LEITORES MEDIADA PELAS TECNOLOGIAS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: ENTRE DESAFIOS E POSSIBILIDADES

THE TRAINING OF READERS MEDIATED BY TECHNOLOGIES DURING THE COVID-19 PANDEMIC: BETWEEN CHALLENGES AND POSSIBILITIES

LA FORMACIÓN DE LECTORES MEDIADA POR LAS TECNOLOGÍAS DURANTE LA PANDEMIA DE COVID-19: ENTRE RETOS Y POSIBILIDADES

Aparecida Suiane Batista Estevam¹
Diana Maria Leite Lopes Saldanha²
Keutre Gláudia da Conceição Soares Bezerra³

Manuscrito recebido em: 31 de março de 2023.

Aprovado em: 13 de junho de 2023.

Publicado em: 16 de agosto de 2023.

Resumo

O presente trabalho apresenta discussões acerca da formação de leitores mediada pelas tecnologias. Objetiva, de forma geral, discutir sobre o ensino e as práticas de leitura mediadas pelas ferramentas tecnológicas durante a pandemia da COVID-19. O estudo se configura como sendo de abordagem qualitativa, do tipo de campo, o qual utiliza como técnicas para a coleta dos dados o questionário *on-line* e a entrevista coletiva semiestruturada, realizada com duas professoras do Ensino Fundamental – Anos Iniciais – da rede estadual de ensino do município de Pau dos Ferros/RN. Os dados apontam que as docentes colaboradoras compreendem a leitura em seu sentido amplo, cuja função não se limita à mera decodificação do código escrito, e reconhecem o poder transformador da literatura e da contação de histórias na formação leitora e humana dos alunos. Além disso, as docentes buscaram utilizar em suas práticas ferramentas tecnológicas que oportunizassem aos alunos o contato com as histórias e a construção de saberes de forma interativa e lúdica.

Palavras-chave: Tecnologia; Ensino Remoto; Leitura; Contação de histórias; Formação de leitores.

¹ Mestra em Ensino pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Docente na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Planejamento do Processo Ensino-Aprendizagem.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5204-2841> Contato: suianebatista@uern.br

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Docente no Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Planejamento do Processo Ensino-Aprendizagem.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5239-0317> Contato: dianalopes@uern.br

³ Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Docente no Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Planejamento do Processo Ensino-Aprendizagem.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2158-5063> Contato: keutresoares@uern.br

Abstract

This paper presents discussions about the formation of readers mediated by technologies. It aims, in general, to discuss about teaching and reading practices mediated by technological tools during the pandemic of COVID-19. The study is configured as qualitative approach, field type, which uses as techniques for data collection the online questionnaire and semi-structured collective interview, held with two teachers of Primary Education - Early Years - of the state education network in the municipality of Pau dos Ferros/RN. The data indicate that the collaborating teachers understand reading in its broad sense, whose function is not limited to the mere decoding of the written code, and recognize the transforming power of literature and storytelling in the students' reading and human development. In addition, the teachers sought to use technological tools in their practices that would give students the opportunity to have contact with stories and the construction of knowledge in an interactive and playful way.

Keywords: Technology; Remote Teaching; Reading; Storytelling; Formation of readers.

Resumen

Este artículo presenta discusiones sobre la formación de lectores mediada por las tecnologías. Pretende, en general, discutir sobre las prácticas de enseñanza y lectura mediadas por herramientas tecnológicas durante la pandemia del COVID-19. El estudio se configura como un abordaje cualitativo, de tipo de campo, que utiliza como técnicas para la recolección de datos el cuestionario online y la entrevista colectiva semi-estructurada, realizada con dos profesoras de Enseñanza Fundamental - Inicial - de la red estatal de enseñanza del municipio de Pau dos Ferros/RN. Los datos indican que los profesores colaboradores entienden la lectura en su sentido amplio, cuya función no se limita a la mera decodificación del código escrito, y reconocen el poder transformador de la literatura y de la narración de historias en el desarrollo lector y humano de los alumnos. Además, los profesores buscaron utilizar en sus prácticas herramientas tecnológicas que dieran a los alumnos la oportunidad de tener contacto con las historias y la construcción del conocimiento de forma interactiva y lúdica.

Palabras clave: Tecnología; Enseñanza a distancia; Lectura; Narración de cuentos; Formación de lectores.

Introdução

A literatura, enquanto arte da palavra, assume diversas funções em nossa vida individual e coletiva, permitindo-nos sentir inúmeras sensações, como alegria, tristeza, medo, revolta, comoção e esperança. Por isso, torna-se indispensável para a formação humana e não deve ser utilizada na escola com um fim estritamente pedagógico, pois fazer isso é retroceder ao início do século XVIII, quando a literatura para crianças foi criada com o intuito de moralizá-las e moldá-las conforme os ideais adultos e dominantes.

É ressaltando a relevância e a necessidade da literatura para a formação humana que nos arriscamos a dizer que a leitura literária, provavelmente, nunca tenha se mostrado tão importante e necessária em nossas vidas quanto ao longo da pandemia da COVID-19, doença causada por uma nova espécie de **coronavírus**, o SARS-CoV-2. Trata-se de um vírus invisível que atinge o sistema respiratório e que já causou inúmeras mortes em todo o planeta, tornando-se uma ameaça para todos. Em março de 2020, as autoridades sanitárias recomendaram o distanciamento e o isolamento social, a fim de diminuir a propagação do vírus, que se proliferava desastrosamente em todo o mundo. Essa orientação ocasionou, entre outras medidas, o fechamento das instituições escolares e a suspensão das aulas presenciais por tempo indeterminado.

Nesse sentido, com o intuito de amenizar os impactos negativos no setor educacional, surgiu o ensino remoto, que, por se tratar de um ensino emergencial, impôs aos educadores e a toda a comunidade escolar muitos desafios, dentre eles, o de inserir e utilizar as ferramentas digitais no processo de ensino-aprendizagem. O ensino remoto, portanto, tornou-se indispensável para que a educação *não parasse*, configurando-se em uma nova forma de ensinar e aprender.

Sendo assim, o presente trabalho objetiva, de modo geral, discutir sobre o ensino e as práticas de leitura mediadas pelas tecnologias durante a pandemia da COVID-19. A pesquisa se configura como de abordagem qualitativa e tem como objeto de análise as respostas do questionário e da entrevista coletiva e semiestruturada realizada com duas professoras, sendo uma do 1º e outra do 3º ano do Ensino Fundamental da rede estadual de ensino do município de Pau dos Ferros/RN. A fim de preservarmos a identidade das docentes e mantermos a ética na pesquisa, utilizamos nomes fictícios, sendo Alice e Pollyanna as professoras do 1º e do 3º ano, respectivamente.

Além disso, o estudo baseia-se em autores como Ribeiro (2020), Moran (2000), Busatto (2013) e Bedran (2012), que problematizam o uso das tecnologias no ensino, seus desafios e possibilidades, bem como versam acerca da leitura literária, da contação de histórias e da formação de leitores. O trabalho se articula à linha de pesquisa “Ensino-aprendizagem da leitura e formação do leitor”, que integra o “Grupo de Estudos e Pesquisas em Planejamento do Processo Ensino-Aprendizagem (GEPPE)” da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Pandemia da covid-19, tecnologia e contação de histórias: alguns apontamentos

O ano de 2020 entrou para a história como um ano atípico e ficou marcado pela disseminação de um vírus invisível (SARS-CoV-2), que atinge o sistema respiratório das pessoas e que não demorou muito para se transformar em uma ameaça global. A fim de conter a rápida propagação do agente infeccioso e diminuir o número de contaminados e mortos, as autoridades sanitárias implementaram medidas urgentes de prevenção, como o distanciamento e o isolamento social.

As medidas de distanciamento e isolamento social fizeram com que diversos setores da sociedade, inclusive a educação, se reinventassem e adotassem novas estratégias para que os “serviços” e as atividades ofertadas não parassem. Nesse sentido, de acordo com Santos (2020, p. 29),

A pandemia e a quarentena estão a revelar que são possíveis alternativas, que as sociedades se adaptam a novos modos de viver quando tal é necessário e sentido como correspondendo ao bem comum. Esta situação torna-se propícia a que se pense em alternativas ao modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver nestes primeiros anos do século XXI.

Segundo Santos (2020), a pandemia, ao impor medidas restritivas de distanciamento e isolamento social, fez com que as pessoas buscassem novas alternativas para “sobreviver”, pensassem em novos meios para garantir o sustento da família e se mantivessem próximas dos seus, mesmo quando a distância se fazia grande. Logo, esse momento atípico pelo qual o mundo passou/passa revela que o homem, quando necessário, é capaz de adaptar-se a realidades diversas e reinventar-se, usando sua criatividade e resiliência.

No setor educacional, essa adaptação e busca por novas alternativas que garantissem a continuidade das atividades escolares também foram necessárias. Conforme aponta Ribeiro (2020, p. 3),

[...] Com a rotina presencial interrompida [...] professores/as e gestores/as, sem trégua, ainda que vivendo no mesmo mundo pandêmico de todos/as, tiveram de considerar como alternativa a “transposição” abrupta de aulas e conteúdos presenciais para ambientes digitais [...]. Profissionais de todas as disciplinas do currículo, com experiências diferentes e desiguais com tecnologias digitais, foram obrigados a converter suas aulas presenciais em tarefas remotas, ministrando-as por meio de vídeos gravados, *lives* e outros recursos, em muitos casos fazendo isso pela primeira vez.

Retirados do chão da escola (ensino presencial), privados do contato físico com os alunos e imersos em um universo de medos, incertezas e desafios, professores e agentes educacionais, ainda que com pouca ou nenhuma experiência com as tecnologias (em seus fins pedagógicos e educativos), a fim de evitar a paralisação total da educação durante a pandemia, passaram a mediar o processo de ensino-aprendizagem quase que exclusivamente por meio dos artefatos tecnológicos.

No que diz respeito ao ensino mediado pelo professor, podemos elucidar que este, por não ter, na maioria das vezes, muita familiaridade com as tecnologias, teve que se autoformar de maneira aligeirada por meio dos tutoriais no YouTube e cursos de curta duração. Por meio destes, precisou aprender a manusear aplicativos e plataformas digitais como *Google Meet*, *Zoom* e *Skype*; gravar vídeos e editá-los; adaptar seu espaço pessoal e torná-lo sua sala de aula; e colocar à disposição dos pais seu contato (pessoal) para tirar dúvidas, encaminhar atividades e receber devolutivas.

Em face desse cenário, torna-se perceptível que muitos foram os desafios que embalsamaram a sociedade no contexto pandêmico. Contudo, acreditamos, assim como Ribeiro (2020, p. 05), que “[...] a excepcionalidade deste episódio talvez nos leve a aprender algo sobre tecnologias e educação, sem abandonar nosso compromisso social e ético”. Isto é, apesar das dificuldades, poderemos fazer descobertas – relacionadas ao uso pedagógico das tecnologias – que venham a revolucionar o ensino e a contribuir satisfatoriamente com a aprendizagem dos educandos.

A inserção da tecnologia no ambiente escolar não significa que os problemas que permeiam a educação estarão de uma vez por todas resolvidos, porque no campo educacional, segundo Moran (2000, p. 139),

[...] a tecnologia apresenta-se como meio, como instrumento para colaborar no desenvolvimento do processo de aprendizagem. [...] Ela tem sua importância apenas como um instrumento significativo para favorecer a aprendizagem de alguém. Não é a tecnologia que vai resolver ou solucionar o problema educacional do Brasil. Poderá colaborar, no entanto, se for usada adequadamente [...].

Ao contrário do que muitos pensam, não é o uso das tecnologias que vai definir o sucesso ou fracasso das práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, pois, como afirma o autor, a tecnologia é um meio, uma possibilidade que, quando bem utilizada,

poderá contribuir com o aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem dos sujeitos. Para tanto, o uso pedagógico da tecnologia com vistas ao desenvolvimento de aprendizagens precisa ser intencional, logo necessita de organização e planejamento (MORAN, 2000).

A experiência do ensino remoto modificou a dinâmica da aula e da escola como um todo. Todos (professores e alunos) tiveram de se reinventar e se adaptar ao novo formato de ensino-aprendizagem. A cozinha, o quarto, a calçada e tantos outros espaços das casas das famílias passaram a ser a sala de aula. Celular, computador, rádio e televisão (a depender da realidade social dos sujeitos) passaram a ser ponto de encontro entre os protagonistas da escola. Em outros termos, as práticas de ensino ultrapassaram o espaço físico da sala de aula e da escola para ganhar novos espaços.

Nessa perspectiva, Moran (2000) afirma que a educação de qualidade resulta da organização e do gerenciamento de atividades em diversos espaços (presenciais e virtuais). Com isso, o autor não dispensa o contato físico com o aluno em sala de aula, pois acredita ser um momento importante para a construção de vínculos afetivos, a apresentação e discussão acerca da temática trabalhada pelo docente e a socialização dos resultados de pesquisas, projetos e trabalhos encaminhados para serem feitos em outro momento e espaço que não fosse o da sala de aula.

Dessa forma, a dimensão do ensinar e aprender ganhou novos significados a partir da introdução das tecnologias. Ao utilizá-las para mediar as práticas de ensino durante a pandemia, por exemplo, os professores precisaram repensar suas práticas, estabelecer conexões com a realidade dos alunos e reconhecer que a aprendizagem não se limita ao espaço da sala de aula, mas perpassa os diversos espaços sociais e culturais em que os educandos estão inseridos.

No que diz respeito à articulação entre o uso das ferramentas digitais e o trabalho com a leitura, por exemplo, é possível afirmar que, de acordo com Medeiros (2019, p. 62),

No século XXI, o estudante passa a ser ainda mais ativo na interação eletrônica ao utilizar diversas páginas de relacionamento como Instagram, Facebook, blogs e fotologs, os repositórios de vídeos como YouTube, os podcasts (arquivos digitais sonoros que se assemelham a programas de rádio e podem ser baixados da internet), uma enciclopédia mundial, a Wikipédia, além dos campeões de acesso como Whatsapp, Messenger e demais aplicativos de chats online [...].

Diante disso, os alunos encontram-se imersos em um ambiente altamente tecnológico, o que colabora para que tenham grande familiaridade com as novas linguagens advindas do meio digital e isso não pode ser ignorado pelo/a professor/a. Ao contrário, o/a docente deverá pesquisar possibilidades de integrar tais recursos em suas aulas, a fim de adequar-se às necessidades dos alunos e às mudanças ocorridas em nosso meio social. Para tanto, partindo de uma intencionalidade pedagógica, poderá ajudar os alunos a usar os diversos aplicativos e plataformas digitais a favor de sua aprendizagem e de sua formação integral enquanto sujeito de emoções, afetos e intelecto.

Portanto, torna-se relevante destacar a importância dada à formação de leitores durante a pandemia da COVID-19 a partir da continuidade do trabalho com a contação de histórias, por exemplo. Ainda que com dificuldades, grande parte dos educadores buscou meios de oportunizar aos alunos o contato com o universo fabuloso da literatura. Um desses meios foi a contação de histórias, a qual, com as mudanças na sociedade e a inserção das tecnologias nos diversos espaços sociais, ganhou outras dimensões e sentidos, pois, como nos lembra Busatto (2013, p. 9-10),

Paradoxalmente, a arte, que pedia um tempo e corpo presente para se desenvolver e envolver, se integrou à velocidade da virtualidade, assumindo novas feições, como as histórias mediadas pelo digital. [...] imprimiu-se nela uma sofisticação técnica, com detalhes que fazem diferença, como um texto mais elaborado sinteticamente, imagens visuais e paisagens sonoras nítidas, e apresenta um sujeito-contador com domínio dos recursos vocais e corporais [...].

Nesse sentido, o ato de contar histórias deixou de ser caracterizado apenas pela espontaneidade do contador, pela formação do repertório de narrativas a partir das vivências em comunidade e pela transmissão oral das histórias para assumir novas expressões e se apresentar por meio de diversos suportes, técnicas e recursos. Com o avanço das tecnologias e a consolidação da escrita, as histórias passaram a articular voz, cores, sons, imagens, vídeos, movimentos e interações em um espaço virtual, modificando, assim, o modo e a intenção do contar. Além disso, passaram a ser conhecidas e lidas por um número maior de pessoas, considerando que o ser humano encontrou na escrita um meio de eternizar as narrativas orais e as memórias coletivas de uma comunidade.

Desse modo, as transformações ocorridas na sociedade, incluindo a consolidação da escrita, fizeram com que a arte de contar histórias acompanhasse as mudanças e a evolução da sociedade, para que sua capacidade de encantar, atribuir significado ao mundo e dar forma às experiências humanas atravessasse os tempos e conseguisse manter-se viva até hoje. Logo, modificações fizeram com que os contadores contemporâneos desafiassem as tecnologias digitais e se apropriassem delas para propiciarem aos leitores e ouvintes o contato com as histórias, mediante a simbolização (BUSATTO, 2013).

O contato com as múltiplas linguagens (verbal, visual, sonora e gestual) presentes nos diferentes meios de comunicação pode nos permitir: visualizar, discriminar, interpretar e atribuir significações aos textos. As cores, os formatos, as músicas e os sons presentes nos novos suportes em que se apresentam as histórias possuem sentidos que precisam ser interpretados, refletidos e reconstruídos a partir das nossas vivências e singularidades.

Isso posto, é possível afirmar que a leitura no meio digital é feita de modo flexível, como enfoca Busatto (2013, p. 116), “[...] em que as páginas se desdobram a nossa frente, aleatórias, como se ali sempre estivessem, sobrepostas, como um palimpsesto, e no aguardo de um comando, para se apresentarem e de desdobrarem no tempo virtual”. Conforme argumenta a autora, esse tempo virtual diminui a distância entre o pensar e o saber, não existindo certezas, visto que tudo se dissolve e se fragmenta no tempo do ciberespaço – espaço em que se estabelece a comunicação por meio das redes digitais e de computação.

Nesse sentido, estamos inseridos em uma cultura contemporânea (cibercultura) que, por sua vez, é envolta por redes telemáticas e caracterizada pela troca de informações *on-line* e pela navegação na rede de *internet*. Assim, se pensarmos a formação leitora no âmbito da cibercultura, podemos afirmar que uma mesma história na rede, por exemplo, poderá ser recriada artisticamente e de maneira colaborativa por meio de desenho, música, peça teatral, filme, poema, dentre outras possibilidades. Além disso, a diversidade de recontos e reescritas de uma mesma história faz com que novas leituras e sentidos sejam criados, logo a hibridez do ambiente virtual apresenta aos novos leitores do século XXI inúmeras possibilidades de interpretações.

Nessa vertente, mediante o surgimento de novas formas de construir e consumir textos, o trabalho com o letramento digital, que surge com a necessidade de possibilitar aos usuários da rede uma navegação segura e responsável, tornou-se urgente e indispensável no ambiente escolar. Diante disso, os modos de ler e escrever são transformados, pois se fazem necessárias novas ferramentas: áudio, vídeo, imagem, dentre outras.

Sendo assim, o uso de artefatos tecnológicos pelas crianças e adolescentes, bem como a necessidade de trabalhar o letramento digital, é uma realidade que não pode ser mais ignorada pela instituição escolar. Conforme mostra a pesquisa TIC kids *on-line*, mais de 50% de crianças e adolescentes utilizam a *internet* para realizar leituras (CETIC.BR, 2020).

As transformações ocorridas na sociedade, o surgimento das novas formas de ler e construir textos e os novos modos de se relacionar com as pessoas levam a comunidade escolar e, sobretudo, os educadores a refletirem e repensarem os modos de ensinar e aprender a leitura e a escrita. Isso acontece porque novas habilidades leitoras passaram a ser exigidas, “[...] ou seja, textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas [...] para fazer significar” (ROJO, 2012, p. 19).

É nesse contexto de mudanças significativas que emerge o conceito de multiletramentos. Este, por sua vez, resulta da diversidade cultural e semiótica de produção de textos existentes na contemporaneidade. Em outras palavras, a partir das modificações e da multiplicidade de linguagens nos textos em circulação na *internet*, é inadmissível considerarmos um único letramento, mas, sim, multiletramentos, visto que, para Rojo (2012, p. 23),

a) eles são interativos, mais que isso, colaborativos; b) eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos [verbais ou não]); c) eles são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas).

Nesse enfoque dos multiletramentos, a interatividade e a colaboração são termos de destaque, dado que na rede de comunicação aberta torna-se possível interagir com as ferramentas, com a interface do sistema, com diversos tipos e formatos de texto e também

com outras pessoas de forma síncrona e assíncrona. Além disso, de acordo com a autora, os multiletramentos são híbridos, pois se constituem de diversas linguagens (verbal, não verbal, sonora, espacial, gestual) e se apresentam sob uma nova ética, considerando que a ideia de propriedade tornou-se mais flexível à medida que passou a se estabelecer o diálogo entre os novos produtores de sentidos.

Desse modo, apesar dos desafios impostos pela realidade tecnológica da sociedade digital e informatizada em que estamos inseridos, acreditamos que, como enfoca Bezerra (2020, p. 178), “[...] a arte de contar histórias permanece e ganha novos aliados, como a leitura e a tecnologia, que, ao invés de excluir essa prática, soma-se a ela e traz uma nova roupagem para esse fazer que acompanha o ser humano por todos os tempos”. Com a escrita, o ato de narrar histórias é reconfigurado, mas não extinto. Ao contrário, a partir da escrita, tornou-se possível eternizar memórias, culturas, princípios e valores de um povo e torná-los conhecidos a um maior número de pessoas.

Além disso, nessa transição do oral para o escrito, ocorre um diálogo entre as culturas letradas e as não letradas. Nesse sentido, as primeiras, por meio do código escrito, aprendem, memorizam, reconstroem e formam seu repertório de leitura a partir da escuta das narrativas recontadas pelos sujeitos das culturas não letradas (BEDRAN, 2012).

A contação de histórias não se perde com a descoberta da escrita, tampouco com o advento das tecnologias. Apesar de sofrer mudanças nos modos e suportes pelos quais ocorre, a narração, essa arte secular, ganha novos sentidos, posto que, com a grande predominância dos meios de comunicação digital, das imagens, dos sons e dos vídeos, estes passaram a ser incorporados às narrativas, a fim de enriquecê-las.

Dessa forma, a partir do surgimento dos diferentes meios de comunicação e das novas linguagens, um novo perfil de leitor e de modos de leitura foi criado. Isso ocorreu porque os modos de leitura deixaram de se limitar ao impresso e ao escrito, visto que o texto literário passou a existir no meio digital e, entre uma página da web e outra, o leitor começou a ter a possibilidade de selecionar, de se apropriar das informações e de produzir conhecimento a partir da leitura.

Nesse contexto, a tecnologia passou a ser de grande importância no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, uma vez que agrega conhecimentos que não se resumem a informações de livros, mas abrangem saberes do dia a dia dos alunos e possuem inúmeros canais de comunicação (SILVESTRE; NÓBREGA; DALLA-BONA, 2021). No campo da leitura literária, por exemplo, as Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC) passaram a disponibilizar acervos com livros digitais, vídeos de contação de histórias e aplicativos que possibilitam a criação de narrativas a partir de sequências de imagens; conceber novos espaços para criar, recriar e dialogar sobre textos; e propiciar inúmeras outras experiências estéticas e oportunidades para se trabalhar com a literatura.

Tais possibilidades oportunizaram ao leitor ser um agente ativo na leitura e produção de textos, dado que passou a ter a oportunidade de recepcionar, produzir e reescrever uma história ou uma obra literária com criatividade e de modo colaborativo com outros leitores em rede. Acreditamos que a escola, durante e após o ensino remoto, precisa acompanhar tais mudanças e trabalhar com os novos modos de ler e escrever, tendo em vista que os alunos já estão imersos no universo digital, lendo e escrevendo textos que articulam múltiplas linguagens.

Nesse sentido, compreendemos que, a partir da disseminação da tecnologia, o texto escrito, por si só, tornou-se insuficiente para atrair o leitor, visto que imagens, traços e cores (recursos multimodais) presentes nas histórias passaram a complementar seu sentido e atrair nossa atenção. É nesse contexto e em meio às novas exigências dos leitores em rede que as práticas de contação de histórias realizadas durante a pandemia da COVID-19 tiveram de ser reconfiguradas.

A formação de leitores mediada pelas tecnologias: é possível?

Durante a pandemia da COVID-19, professores do mundo inteiro passaram a enfrentar um duplo desafio: o de se reinventar para atender as demandas impostas pelo ensino remoto e o de formar leitores. As tecnologias tornaram-se indispensáveis para que, mesmo distantes fisicamente, a mediação do conhecimento e a troca de experiências entre professor-aluno e aluno-aluno acontecessem. No entanto, embora com muitas possibilidades, a modificação abrupta nos modos de ensinar imposta pelo uso obrigatório

e imediato das ferramentas tecnológicas durante a pandemia tornou ainda mais difícil o desenvolvimento de práticas que fomentem o gosto e o prazer pela leitura de literatura.

O ato de ler sempre esteve presente na história da humanidade, pois desde os tempos mais antigos existem representações históricas em paredes de cavernas deixadas pelos primeiros homens. Atualmente, não é diferente. Inseridos em uma sociedade moderna e rodeados de aparelhos tecnológicos, também exercemos nossa capacidade de representar o que pensamos, compreendemos e sentimos. Logo, podemos afirmar que a leitura sempre se constituiu uma forma de relacionar o ser humano com o mundo, posto que o exercício da leitura nos torna pessoas mais humanas, criativas, sensíveis e conscientes (CAVALCANTI, 2002).

Segundo Sisto (2012), ler é dialogar, duvidar, compreender o sentido das coisas e deixar-se transformar pelo poder da palavra. Por meio da leitura, estabelecemos diálogos com o contexto em que estamos inseridos e com o apresentado no texto, com a ação dos personagens, com o outro que pensa diferente e conosco; duvidamos do que está posto e do que se apresenta como belo e bom; compreendemos o ontem e o hoje, a fim de refletirmos como isso poderá influenciar no amanhã; e transformamos a nós mesmos, para somente então transformar o mundo em que vivemos.

Isso posto, a leitura vista de forma ampla não é superficial e não se limita ao que está visível. Além disso, não lemos apenas palavras escritas, lemos imagens, códigos, áudios, vídeos, gestos, sinais, cores. Enfim, lemos o mundo e tudo o que o compõe, porque somos seres multimodais. Em outros termos, a cultura digital em que estamos inseridos nos permite utilizar múltiplas linguagens (verbal, não verbal, visual, audiovisual e gestual, por exemplo) para construir sentidos e para representar o que vivemos, sentimos e acreditamos.

É nessa perspectiva que trazemos um enunciado da professora **Pollyanna**, no qual ela reafirma o poder transformador da leitura na vida daqueles que a praticam e a valorizam:

Pollyanna: [...] Eu acredito muito no poder da leitura. [...] que se você aprender a gostar de ler, você vai superar todas as outras dificuldades. Por isso que eu gosto de incentivar. [...] a leitura é fantástica, ela transforma vidas (Trecho de enunciado de Pollyanna – Entrevista coletiva, 2021).

A leitura pode ser exercida com muitas finalidades, para atender múltiplas necessidades. Lemos para nos mantermos informados; divertirmo-nos e nos orientarmos; exercitarmos a imaginação e a capacidade de criação; sentirmo-nos vivos e parte de uma cultura, de um povo. Dessa forma, acreditamos que a professora **Pollyanna** fala da leitura sob uma perspectiva ampla, cujo exercício ultrapassa a decodificação das palavras e se expande para a capacidade de trocar sentidos com a obra que está sendo lida, com o autor que a escreveu e com outros leitores, sendo, portanto, uma habilidade indispensável em uma sociedade letrada e altamente tecnológica como a atual.

A menção de verbos como “*aprender a gostar de ler, superar, incentivar e transformar*” nos permite afirmar que a professora fala de uma leitura que tem o poder de modificar realidades, de emprestar coragem e sabedoria para enfrentar os percalços do meio do caminho e de possibilitar a entrada em um mundo fantástico, no qual satisfazemos nossos desejos e nos identificamos com pessoas, lugares e personalidades diferentes ou semelhantes às que conhecemos. Logo, inferimos que a leitura de que a educadora fala é a de literatura, que se configura em uma necessidade e um direito de todos e se materializa em nosso meio pelo poder da palavra e pela sua capacidade de servir como refúgio para a dor, a angústia e o medo.

Falando da vida, do que se apresenta no mundo real, a literatura nos apresenta as dificuldades da luta, mas, sobretudo, a possibilidade da vitória, pois é nessa arte que a memória, as crenças, os valores e a cultura de um povo estão mais bem resguardados. É a leitura de ficção que melhor se configura como uma leitura lúdica, visto que, independentemente de ser uma narrativa ou uma poesia, essa é uma proposta de jogo em que o leitor é convidado a transitar no mundo fabuloso das histórias, conectando a ficção e a realidade.

É a entrada no universo simbólico que torna possível o leitor escapar de sua realidade, atribuir sentido à vida e colocar-se no lugar do outro e, portanto, na dimensão humana. Para Cavalcanti (2002), a literatura que se concretiza em um universo de metáforas, simbologias e jogos constitui-se um caminho seguro para fazer as pessoas mais felizes ou, ao menos, mais sensíveis, justamente porque a linguagem simbólica é capaz de mobilizar no leitor sua capacidade de fantasiar e criar, lançando-o para um mundo em que os desejos são experimentados pelo poder da palavra metaforizada e poética.

Em face disso, ao afirmar que gosta de incentivar a leitura, **Pollyanna** valoriza e reconhece a importância do ato de ler para o bem viver e para o exercício pleno da cidadania por parte dos alunos. Encontrar professores que valorizem e acreditem no poder transformador da leitura literária tem sido algo cada vez mais raro, uma vez que grande parte dos educadores, orientados por um currículo seletivo e que supervaloriza o conteúdo, tem deixado a formação de leitores em segundo plano. No entanto, encontramos na educadora o desejo de tornar a leitura uma realidade para os seus alunos. Com isso, a professora dá o primeiro e mais significativo passo para que a formação de leitores se concretize em sua sala de aula: o incentivo ao gosto e ao prazer pelo universo literário, pelos livros.

Portanto, é nesse contexto do fascínio da leitura e de ler as memórias e tradições de um povo que surge o fascínio da contação de histórias. Atualmente, o ato de contar histórias significa recuperar o mundo imaginário, bem como a capacidade criativa e imaginativa do ser humano, pois diariamente somos bombardeados por informações rápidas. Ao narrar uma história, o mediador abre espaço para que o maravilhoso se instale, cria imagens no ar, brinca com as palavras e seus sons e comunica sentimentos.

A contação de histórias existe desde os tempos mais remotos. Estudos apontam que as primeiras narrativas relatavam o surgimento do universo a partir de conteúdos sobrenaturais e misteriosos. Com o passar dos tempos, a necessidade de manter viva a tradição das comunidades e das diversas culturas fez com que o ato de contar histórias se configurasse uma prática essencial. Os indígenas, por exemplo, passaram a compartilhar, através das narrativas, suas experiências, descobertas, rituais, crenças e costumes. Já as amas de leite usavam as histórias para tranquilizar as crianças que ficavam sob os seus cuidados. Nesse sentido, o contar histórias funcionava como uma forma de manter viva a memória de um povo, como ferramenta para preservar e entreter uma geração (SISTO, 2012).

Nessa vertente, de acordo com Bedran (2012), a narrativa constitui-se um ponto de encontro entre as diversas tradições. É uma arte transmitida de geração em geração através da palavra, da oralidade, com a finalidade de conservar vivas as inúmeras culturas.

Além disso, essa prática antiga torna possíveis a sociabilidade e o reconhecimento de quem somos, de onde estamos e para que viemos, isto é, a partir da contação de uma história, compartilhamos a memória de um povo. Então, ao ouvirmos efetiva e afetivamente as narrativas, temos a oportunidade de olhar diferente para o mundo, para a nossa realidade.

A capacidade de narrar, segundo Bezerra (2020), é uma característica peculiar do ser humano, somente se tornando possível graças às capacidades de ouvir e memorizar do homem. Logo, foi a partir da escuta atenta, da memorização e da criatividade dos primeiros contadores de histórias que as narrativas conseguiram transcender os tempos e manterem-se vivas diante de tantas transformações na sociedade.

Foram também os relatos orais que fizeram com que as histórias superassem as barreiras temporais e tecnológicas e chegassem até os dias atuais, o que significa que a palavra continua tendo poder na sociedade, no meio do povo (CAVALCANTI, 2002). Para tanto, é válido lembrarmos que em todo o tempo fez-se necessário alguém que narrasse/contasse/mediasse as histórias e alguém que as ouvisse.

Dessa forma, pronunciada pelo contador tradicional, que extrai as histórias de suas próprias experiências e não faz uso de técnicas para encantar, ou pelo contador contemporâneo, que se apresenta como um artista da palavra, estudando, pesquisando, utilizando técnicas e se apropriando de tecnologias para efetivar a narrativa, a contação de histórias se mantém viva até os dias atuais como uma arte. Ela é capaz de sensibilizar, emocionar e proporcionar diferentes interpretações àqueles que a apreciam.

A contação de histórias pode ser considerada uma arte, porque, como tal, propicia transformação e sensibilização. A linguagem artística é capaz de promover experiências estéticas singulares, logo o ato de contar alcança *status* de arte quando deixa de prender-se ao didatismo, à informação rápida ou à moralização e não se realiza como uma obrigação de ensinar algo, passando a acontecer com o intuito de despertar prazer, gosto, fruição e encantamento pelas histórias. Além disso, com as mudanças ocorridas na sociedade, essa arte secular, advinda da tradição oral, passou a ser realizada não mais sob forma de improviso, mas a exigir planejamento, pesquisa, estudo, domínio técnico e conhecimentos prévios a respeito da história e do público (SISTO, 2012).

Considerando esse contexto, acreditamos que a contação de histórias funciona como uma possibilidade lúdica de inserir os alunos – que acabaram de iniciar sua trajetória estudantil no ensino formal – no universo simbólico da literatura. Assim, questionadas sobre a realização de práticas de contação de histórias durante o ensino remoto, as professoras afirmaram que trabalharam com as narrativas e que as consideraram relevantes para a formação leitora dos educandos. Sobre a importância dessa arte secular, as colaboradoras responderam:

Alice: [...] eu acho importante a participação deles e o contato com várias histórias. [...] como eles estão descobrindo as letras ainda, estão nesse processo de escrita e de leitura, começando..., os livros é que dão uma chavinha do interesse de ler [...]. Eles sempre querem aquele livro que a gente faz a contação, eles sempre querem levar para casa [...] É motivador quando você conta a história eles querem recontar e querem dar a opinião deles. Sempre tem um caso parecido de alguma coisa [...] (Trecho de enunciado de Alice – Entrevista coletiva, 2021).

Pollyanna: [...] a história, tanto lida quanto contada, leva eles [os alunos] ao imaginário, a descobrir, a construir. Você sabe que o mundo infantil é um mundo cheio de fantasias [...] No meu planejamento diário eu já tenho uma história, eu não sou boa contadora de história [...] (Trecho de enunciado de Pollyanna – Entrevista coletiva, 2021).

A contação de histórias é um caminho seguro para introduzir a leitura na vida dos alunos. Através da voz do narrador, as histórias ganham vida, movimento e expressividade, e o espaço que sedia esse encontro único se torna um lugar de brincadeira, onde a palavra, os gestos e as expressões faciais do contador de histórias despertam sentimentos e emoções; geram dúvidas; provocam medo e reflexão; criam expectativa; transformam pensamentos; quebram barreiras; e emprestam força a quem assiste/escuta a história. Nessa experiência, o leitor transita entre o mundo real e o ficcional, buscando compreender sua existência e viver com intensidade esse momento singular da contação de histórias. Além disso, compartilhar esse momento com os alunos é ter a possibilidade de suscitar sua imaginação, despertar sua curiosidade, propor soluções para seus conflitos e conhecer novos lugares e culturas.

Nesse sentido, as professoras enumeram diversos aspectos positivos que confirmam a relevância dessa prática lúdica na formação do gosto pela leitura e no desenvolvimento da aprendizagem dos educandos, especialmente em um momento

turbulento, como na pandemia. Dentre esses aspectos, destacamos: familiaridade com a leitura e escrita; envolvimento com as histórias; busca do livro como objeto de prazer; identificação com situações ou personagens do texto literário; expressão das opiniões; e criatividade.

A contação de histórias, hoje, não se restringe a uma prática da biblioteca escolar, mas está presente em diversos espaços (públicos ou privados; escolares ou não escolares). Conforme salienta Bedran (2012), como uma ação pedagógica, essa prática estimula o desenvolvimento da leitura e da escrita, bem como contribui significativamente com a formação de leitores, pois, quando a história toca, encanta e marca o ouvinte/leitor, este demonstra interesse pelo livro, querendo reler e reviver a narrativa ouvida. Tal realidade é relatada por **Alice**, quando afirma que os alunos desejam levar o livro da história contada para casa e que é esse contato que desperta o interesse deles para o ato de ler. Esse interesse é, sem dúvidas, estimulado pela ludicidade, pelo brincar com as palavras, seus ritmos e sons que envolvem as práticas de contação de histórias.

Alice ressalta também que os educandos gostam de recontar e expor suas opiniões acerca da história contada, além de sempre haver casos de identificação com algo narrado. Através do reconto e da exposição de opiniões, os alunos têm a oportunidade de recriar a narrativa a partir do significado que lhe atribuem, o que, por sua vez, resulta das experiências cotidianas dos aprendizes. Logo, há um diálogo estabelecido entre o passado e o presente, entre diferentes contextos e realidades, havendo a necessidade de preencher os vazios do texto e resolver os problemas existentes.

Sendo assim, corroboramos as ideias de Coelho (2008), que enfatiza que a história alimenta a imaginação, possibilitando ao leitor em formação identificar-se com personagens, personalidades e situações apresentados na história, compreender e aceitar as situações difíceis, contribuir com a resolução de conflitos e aumentar a esperança em dias melhores.

Dessa forma, ao contar uma história em sala de aula, presencial ou virtual, o professor propicia aos aprendizes, como bem ressaltou a professora **Pollyanna**, a entrada no mundo imaginário e o despertar da sua capacidade investigativa, criativa e representativa. A importância do ato de contar e ouvir histórias encontra-se na

possibilidade de desenvolver no ser humano duas características imprescindíveis ligadas à imaginação e à oratória. Somente os seres humanos são capazes de imaginar, de criar imagens de coisas, pessoas, lugares que não existem na realidade, mas que se materializaram a partir da nossa imaginação criativa e funcionam como catarse para as nossas angústias.

Em contato com o universo simbólico das histórias, ampliamos conhecimentos e a capacidade de nos colocarmos e de compreendermos o outro, rompemos com as verdades absolutas que a sociedade dominante impõe e reelaboramos princípios e valores. A contação de histórias põe narradores e ouvintes na posição de criadores, isto é, permite que estes usem a imaginação, a criatividade e a ludicidade para criar e recriar a narrativa. Além disso, rompe com a ideia de objetividade e homogeneidade nas interpretações, pois permite compreensões e soluções múltiplas.

É reconhecendo, pois, a relevância da contação de histórias para despertar nos alunos o gosto pela leitura que consideramos importante investigarmos o desenvolvimento dessas práticas durante o ensino remoto. Em um contexto atípico como este, em que o distanciamento e o isolamento físico foram as principais medidas de prevenção para amenizar os impactos letais do vírus, o contato com a arte da palavra tornou-se imprescindível na vida das pessoas, principalmente das crianças, visto que, através de momentos lúdicos com as histórias, os leitores mirins podem se divertir, entender a realidade em que estão situados, encontrar personagens que enfrentam situações semelhantes às suas e, assim, acreditar que, apesar dos desafios, pode existir um final feliz.

A formação de leitores sempre se constituiu em um desafio para a instituição escolar, uma vez que, em muitas realidades, a leitura de literatura não é vista por alguns como necessária, porque é imposta como uma obrigação; não precisa de planejamento e intencionalidade, visto que pode ser realizada sob improviso; não contribui com a formação humana e com o desenvolvimento de aprendizagens, porque é uma perda de tempo. No ensino emergencial da pandemia da COVID-19, essa realidade não foi muito diferente, na medida em que os desafios do trabalho com a contação de histórias e com o desenvolvimento de práticas significativas de leitura literária somente aumentaram.

No entanto, acreditando que a contação de histórias deve ser uma prática planejada e intencional capaz de formar personalidades mais humanas e conceder estímulos para que os leitores em formação conquistem autonomia na leitura, através da busca pelo livro e do interesse de descobrir as palavras, professores do mundo inteiro tiveram de se reinventar e tornar possível a arte de contar mediada pelas tecnologias.

A arte, que era auxiliada apenas por gestos, expressões corporais e faciais e exercida no contato direto com o público, ganhou outra dimensão quando passou a ser realizada no espaço digital, porque começou a ser realizada sob diferentes suportes e a exigir técnicas, preparação e ensaio (BUSATTO, 2013). No ensino remoto, o ato de contar histórias passou a acontecer por meio de múltiplas linguagens e com ou sem a presença concomitante do ouvinte e do narrador no espaço em que se dá a narrativa.

Desse modo, com o duplo desafio (usar as tecnologias para mediar o processo de ensino-aprendizagem e continuar desenvolvendo práticas de leitura que favorecessem a formação do gosto pela leitura), as professoras colaboradoras deste estudo investigativo iniciaram as aulas síncronas e assíncronas em abril de 2020, tendo que transpor, de maneira abrupta e sem muita orientação/formação, aulas e conteúdos presenciais para ambientes digitais (RIBEIRO, 2020).

Professores do mundo inteiro tiveram que pesquisar, estudar e testar plataformas que melhor se adequassem às realidades dos alunos, bem como produzir materiais como vídeos, *slides*, jogos e outros recursos que tornassem as aulas mais atrativas e dinâmicas, visto que nem professores nem alunos/crianças estavam acostumados a ficar 2h ou mais em frente de uma tela de celular ou computador, assistindo a uma aula em que, na maioria das vezes, apenas o professor fala, enquanto os demais microfones e câmeras se encontram desligados.

Nessa perspectiva, apesar de a discussão no que diz respeito à inserção das tecnologias no ambiente educativo ser antiga, de vivermos em uma cibercultura, cuja característica principal é o compartilhamento de ideias e conhecimentos na rede de *internet*, e de entrarmos em contato diariamente com múltiplas linguagens, a escola, os professores e as famílias não estavam preparados para essa mudança abrupta, forçada nos modos de ensinar e aprender.

Contudo, com responsabilidade social, educadores, alunos e familiares buscaram alternativas que atenuassem os impactos negativos da ausência física da escola, principalmente os professores. Estes tiveram que modificar rotinas, adaptar conteúdos, fazer gestão de tempo, adotar novas metodologias de ensino e, sobretudo, fazer da tecnologia, seja ela qual for (celular, computador, apostila impressa), uma ferramenta que potencializa aprendizagem.

Durante o ensino remoto, as professoras **Alice** e **Pollyanna** relataram no questionário que nos anos letivos de 2020 e 2021 realizaram aulas síncronas e assíncronas todos os dias. Na entrevista, acrescentaram que, no primeiro ano, as aulas assíncronas foram predominantes e que somente a partir do ano de 2021 as aulas síncronas se tornaram frequentes. Além disso, as professoras informaram a utilização de algumas ferramentas para mediar o processo de ensino-aprendizagem. No quadro abaixo, apontamos as ferramentas e sua utilidade na prática pedagógica das docentes.

Quadro 1 - Aplicativos e plataformas digitais utilizados pelas professoras durante o ensino remoto.

Ferramenta tecnológica	Funcionalidade
Google Meet	Realização das aulas síncronas
YouTube	Visualização de vídeos
WhatsApp	Encaminhamento de atividades e orientações
Messenger	Troca de informações com os alunos e a família

Fonte: construído pelas pesquisadoras com base nos dados do questionário *on-line* (2021).

Conforme Moran (2000), as tecnologias, quando inseridas no ambiente escolar, não podem ser idealizadas como as que possuem a resolução para todos os problemas da educação, pois estas se configuram um meio, um instrumento capaz de colaborar, a partir da mediação do professor, com o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Considerando essa perspectiva, acreditamos que, embora não estivessem preparados para ensinar por meio de plataformas e aplicativos, professores do mundo inteiro, incluindo as colaboradoras deste estudo, buscaram enxergar, nas ferramentas que dispunham, uma possibilidade de chegar até os alunos e contribuir com a sua formação intelectual, leitora e humana.

As plataformas e os aplicativos mencionados pelas colaboradoras já existiam antes da pandemia, mas pouco se conhecia sobre suas potencialidades pedagógicas. A fim de aprofundarmos o conhecimento acerca das ferramentas utilizadas pelas professoras, daremos ênfase às três mais utilizadas, visto que o *Messenger* possui funções semelhantes às do *WhatsApp*.

O *Google Meet*, plataforma de videoconferência do *Google*, foi uma das mais utilizadas nas aulas remotas, visto que permite que os usuários da rede se mantenham em interação síncrona através de áudio e de mensagens instantâneas no *chat*, bem como realizem atividades colaborativas. No início, havia algumas limitações na plataforma, por exemplo, não suportava um grande número de pessoas na sala e não disponibilizava o quadro interativo *Jamboard*, que possibilitasse a criação de conteúdo de modo colaborativo por qualquer pessoa com o *link* e com acesso à *internet* e armazenasse toda a produção no *drive* do *Gmail*. Posteriormente, com algumas atualizações, o *Meet* passou a suportar um grande número de pessoas na mesma chamada e a disponibilizar a extensão que permitia aos usuários usar efeitos visuais na câmera e estar em qualquer lugar que desejassem apenas com um clique e o *Jamboard*, propiciando, assim, uma aula cada vez mais interativa e colaborativa.

O *YouTube*, assim como o *Google Meet*, foi uma das plataformas digitais mais utilizadas pelos educadores durante o ensino emergencial. A plataforma de compartilhamento de vídeos tornou-se uma grande aliada dos professores, dado que possibilitou desde o aperfeiçoamento docente até o desenvolvimento das aulas. O *YouTube* tornou-se uma ferramenta indispensável no ensino remoto, pois a maioria dos professores o utilizou para aprender a usar aplicativos e outras plataformas digitais e, assim, melhorar sua prática de ensino, compartilhar vídeos de histórias e divulgar seu trabalho através da criação de conteúdo em canais abertos.

As professoras **Alice** e **Pollyanna** afirmam que o *YouTube* foi de grande relevância para o trabalho com a leitura literária durante as aulas síncronas e assíncronas. Sobre o uso da plataforma com vistas à formação do leitor, **Pollyanna** declara:

Pollyanna: [...] Eu sempre procurava alguma história porque o YouTube hoje está muito bom né? [...] Se você quiser trabalhar... Pense como foi um auxílio nota 10. [...] Todos os temas que a gente ia trabalhar... [...] Sempre tinha uma história lá para complementar. O YouTube foi uma “mão na roda”, como se diz, para nos auxiliar. Quem queria pesquisar ia lá encontrava, e foi muito bom e complementou de verdade mesmo no planejamento da gente (Trechos de enunciados de Pollyanna – Entrevista coletiva, 2021).

A professora enfatiza que o *YouTube* foi uma “mão na roda” para auxiliar o trabalho docente durante o ensino remoto, o que quer dizer que a ferramenta contribuiu significativamente para o alcance dos objetivos pedagógicos propostos. A educadora afirma ainda que a plataforma dispõe de uma grande quantidade e variedade de vídeos de contação de histórias e que sua utilização foi indispensável para a complementação na etapa de planejamento.

Além disso, **Alice** relata:

Alice: A pandemia trouxe algumas coisas boas. Os canais de algumas professoras cresceram bastante durante a pandemia, assim como o compartilhamento de atividades, de estratégias, das contações também (Trecho de enunciado de Alice – Entrevista coletiva, 2021).

Durante a pandemia, o compartilhamento de vídeos de história, animação, curta-metragem e músicas, por exemplo, passou a ser recorrente no universo escolar. Além disso, o *YouTube* se tornou um espaço para que professores trocassem experiências, compartilhassem atividades e práticas exitosas, podendo, por conseguinte, inspirar outros educadores a fazerem o mesmo.

Portanto, o uso frequente do *YouTube* com finalidade pedagógica, por professores e alunos, fez com que muitos canais se tornassem conhecidos. Segundo as colaboradoras, seja no planejamento, seja no desenvolvimento das aulas, o uso dessa ferramenta digital tornou as aulas mais atrativas e dinâmicas, bem como ficou marcado como um aspecto positivo e de grande aprendizagem durante a pandemia (com a perspectiva de ser mantido em aulas presenciais).

O trabalho com vídeos é muito importante no ambiente escolar, dado que os alunos poderão desenvolver diversas habilidades, dentre elas, a capacidade de ver, compreender, refletir e argumentar sobre o que é apresentado; criar e editar materiais audiovisuais;

divulgar na rede e saber filtrar os comentários. De acordo com Moran (2000), os vídeos exploram a nossa capacidade de visualizar fatos, pessoas, ambientes, cores e relações espaciais e sociais. A partir de planos e diversos ritmos visuais com imagens rápidas ou em movimento, preto e branco ou coloridas, gravadas ou ao vivo, há a possibilidade de interconectarmos passado, presente e futuro.

Conforme aponta o autor, o ver favorece o contar, narrar histórias, pois, visualizando como as pessoas se expressam e se comunicam e os diálogos estabelecidos entre os sujeitos através das diversas linguagens, os alunos poderão sentir-se motivados a gravar seus próprios vídeos contando histórias, narrando situações e inventando outras.

Nesse sentido, a utilização do YouTube e o reconhecimento de suas potencialidades no ensino durante as aulas remotas pelas colaboradoras nos permitem idealizar uma prática pedagógica que valoriza a multimodalidade, isto é, que reconhece a existência de múltiplas linguagens que constituem os textos e a multiplicidade cultural presente na sociedade. Isso ocorre porque, conforme salienta Moran (2000), a partir do advento das tecnologias e do uso da *internet*, novos espaços, modos e tempos passam a constituir o processo de ensino-aprendizagem, transformando, assim, a prática da sala de aula e ampliando o conceito de ensinar e aprender, considerando que o professor deixa de ser o centro do conhecimento, o aluno deixa de ser apenas receptor de informações, a sala de aula não se limita a um espaço físico e o tempo e o modo de aprender não são uniformes para todos.

O *WhatsApp* também foi outra ferramenta que facilitou significativamente a interação entre professores, alunos e familiares durante o tempo de distanciamento e isolamento social. Apesar de ser um aplicativo (*App*) utilizado pela maioria da população antes da pandemia da COVID-19, ainda não tínhamos (grande parte dos professores) refletido sobre suas possibilidades no âmbito do processo de ensino-aprendizagem. O aplicativo, por ser gratuito e propiciar a troca de informações e conteúdo a partir de mensagens de textos, áudios e videochamadas, tornou-se o ponto de encontro, de comunicação entre pais, alunos e professores.

Alice afirma em seu questionário que utiliza o *WhatsApp* para se comunicar com os pais dos alunos e encaminhar/orientar as atividades síncronas e assíncronas, bem como para receber as devolutivas. Na entrevista, a professora relata também que encaminha livros literários e vídeos de contação de histórias pelo aplicativo, para que, desse modo, os alunos entrem em contato com o universo simbólico e tenham o seu direito ao acesso à literatura assegurado.

No entanto, a princípio, quando **Alice** menciona no questionário que utilizava a ferramenta para encaminhar e orientar as atividades, compreendemos que o uso do *App* se restringia, naquele momento, apenas ao envio e recebimento de mensagens pela professora e familiares dos alunos, não sendo visualizado, pois, o potencial educativo da ferramenta. No entanto, quando na entrevista relata o uso do aplicativo para compartilhar livros literários e vídeos de contação de histórias, o grupo criado no *WhatsApp* passa a ser também um espaço de leitura e de incentivo ao gosto pelo texto literário e à formação do leitor.

A professora não especifica o que fez após o compartilhamento dos livros e dos vídeos de contação de histórias, mas, sabendo das potencialidades do *App*, as professoras poderiam, a fim de contribuir com a formação de leitores durante esse tempo atípico da pandemia, solicitar aos alunos que digitassem ou enviassem áudios explicitando as opiniões acerca da obra literária; relatassem a articulação com livros que leram antes e sugerissem outros; encaminhassem vídeos recontando a história; discutissem entre si sobre como foi a experiência da leitura e falassem a respeito dos encontros e desencontros propiciados pelo texto.

As possibilidades de explorar o aplicativo sob a perspectiva da formação de leitores são inúmeras e poderão favorecer os alunos a exercerem a capacidade de se expressar, criar, argumentar, criticar, compreender e respeitar a opinião do outro e construir saberes de forma colaborativa. Assim, o *WhatsApp*, quando utilizado de maneira intencional, configura-se um recurso significativo na mediação do conhecimento, no compartilhamento de saberes e na democratização do acesso à leitura.

Nessa perspectiva, com a introdução das TDIC na sociedade, a escola precisou/precisa repensar a sua proposta de ensino, o que significa que o uso dos diversos artefatos tecnológicos e recursos digitais oriundos dos novos meios de comunicação e interação social exige novos modos de ensinar e aprender, visto que estes poderão colaborar satisfatoriamente com o aumento da qualidade da educação (MORAN, 2000). Para tanto, com o bombardeamento de informações e o contato diário com as diversas linguagens, o trabalho com o letramento digital na escola torna-se imprescindível.

Durante o ensino remoto, uma alternativa encontrada para valorizar o trabalho com a leitura literária e o letramento digital, segundo Silvestre, Nóbrega e Dalla-Bona (2021), foi o incentivo à leitura em ambientes virtuais, nos quais os leitores em formação já estão imersos por prazer. Com as TDIC, a prática da leitura ganhou novas dimensões, pois passou a existir em diferentes suportes e formatos, o que exige do leitor, conseqüentemente, novas habilidades. No entanto, antes da pandemia, não era uma preocupação da maioria das instituições escolares pensar em práticas de leitura não didatizantes em ambientes digitais.

Portanto, **Alice e Pollyanna**, apesar das limitações impostas pela pandemia e pelo ensino remoto, conforme citado anteriormente, protagonizaram um trabalho significativo com a literatura, com a contação/proferição de histórias, dado que reconhecem a função transformadora da leitura na vida dos sujeitos e rompem com algumas barreiras, fazendo com que as histórias chegassem até os alunos por meio do compartilhamento de vídeos do YouTube, livros digitais, ou pela narração em tempo real nas aulas síncronas.

Sendo assim, vendo as possibilidades que se abriram no âmbito do trabalho com a leitura literária a partir do uso das tecnologias, perguntamos às professoras quais dos ensinamentos deixados por esse contexto atípico, que obrigou os professores do mundo inteiro a modificar bruscamente suas práticas e adaptá-las ao formato remoto, poderão ser propagados/replicados nas aulas presenciais. A esse respeito, as professoras afirmam:

Alice: O que vai ficar são os aprendizados das tecnologias. Realmente foram alguns aprendidos: instalar câmera, fazer edição, subir vídeo para o YouTube. Da aprendizagem das contações, foram: pensar bastante qual a história é melhor para contar, porque às vezes na leitura diária você pega várias histórias, às vezes nem sempre, você pensa muito sobre aquela história quando está na sala de aula. [...] E nos encontros síncronos, como o tempo era mais reduzido, então tinha de escolher, selecionar bem uma história que servisse para várias coisas, tanto para entreter, quanto para resolver alguns assuntos, conteúdos e metodologias. [...] E outra coisa que deu certo e que talvez a gente mantenha é o envio das histórias

para o grupo do WhatsApp, se for uma atividade de casa (Trechos de enunciados de Alice – Entrevista coletiva, 2021).

Pollyanna: [...] Eu acho que a gente conseguiu chamar a atenção de algumas famílias, não foram todas, para o valor, a importância da educação, a importância de uma leitura (Trecho de enunciado de Pollyanna – Entrevista coletiva, 2021).

Alice menciona a aprendizagem de algumas habilidades apreendidas, como instalar câmera, gravar e editar vídeos, compartilhar no *YouTube* e estabelecer critérios para selecionar a história a ser compartilhada no ambiente virtual. De acordo com Sisto (2012), para selecionar um bom texto a ser contado, o professor precisa observar alguns aspectos importantes, isto é, a história precisa ser bem escrita, possibilitar a adaptação da escrita para a oralidade, durar entre 5min e 10min, não ser didática nem moralista, despertar curiosidade, interesse e prazer nos alunos, dentre outros aspectos.

Isso posto, a preocupação que a professora passou a ter durante o ensino remoto com a seleção da história nos permite inferir que ela compreendeu que, ao mudar o suporte da mediação do texto, modificam-se também o tempo da narrativa e os recursos e técnicas a serem utilizados para auxiliar o momento da contação ou proferição de histórias. Porém, não se pode esquecer que a intenção primeira com que se conta a história deve ser, principalmente, a de despertar o gosto e o prazer pela leitura, o que faz com que os objetivos pedagógicos se tornem secundários e consequência do primeiro.

Outro fator positivo enfatizado por **Alice** foi o compartilhamento de vídeos de contação de histórias e de livros no grupo do *WhatsApp* da turma. Em sua fala, a professora apresenta perspectiva de continuar com esse envio, o que consideramos muito prudente, visto que, a partir disso, o acesso a obras literárias de forma gratuita passou a ser garantido e os alunos puderam ampliar seus repertórios de leitura e ter momentos de entretenimento e lazer a partir dos vídeos de contação de histórias.

Fazendo isso, a educadora contemplou alguns dos princípios básicos que poderão nortear o uso da tecnologia nas práticas pedagógicas. São eles: a integração das TDIC e atividades escritas, oportunizando aos alunos entrarem em contato com diversas linguagens e tipos de textos, a variação nos modos de dar aula e de encaminhar atividades, podendo usar o *WhatsApp* como uma ferramenta potencializadora de debates mediante a troca de mensagens, áudios e vídeos que retratem opiniões e defendam pontos de vistas, e a valorização do que a tecnologia tem de melhor (MORAN, 2000).

Além disso, **Pollyanna** ressalta que, apesar das dificuldades, a escola chegou até as famílias e conseguiu despertá-las para a relevância da educação e da leitura na formação integral do ser humano. Isto é, muitas famílias passaram a reconhecer o valor da escola e do professor no desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para o pleno exercício da cidadania, posto que, com os alunos em casa, foram os pais e/ou responsáveis que tiveram de exercer, na maioria das vezes, o papel de mediador do conhecimento e o de contador de histórias. Para exercer esse novo papel, mesmo que temporariamente, a família não estava preparada, pois mediar o conhecimento de forma sistematizada, ao contrário do que alguns pensam que basta saber ler, escrever e contar, exige formação, pesquisa, estudo, preparo, conhecimento de estratégias e tantos outros aspectos.

Conclusão

A pandemia da COVID-19, o ensino remoto e a educação são temas que ainda problematizarão muitas pesquisas que vão desde a formação dos professores até a criação de políticas públicas reais que contribuam com o desenvolvimento de práticas pedagógicas que façam uso das potencialidades das tecnologias e seus artefatos. Não podemos demonizar as tecnologias, na medida em que há estudos que comprovam sua eficácia na construção do ensino-aprendizagem de forma colaborativa, dinâmica, interativa e criativa, o que ficou evidente durante o ensino remoto. Portanto, o que se faz necessário é que estejamos em constante processo de aprendizagem e adaptação ao novo, pois assim, ao invés de criarmos barreiras para usar as tecnologias digitais, criaremos pontes para tornar possível seu uso nas mediações do conhecimento e da literatura.

A partir da mudança brusca do ensino presencial para o remoto em virtude da COVID-19, professores do mundo inteiro tiveram de se adaptar e reconfigurar o modo de mediar a leitura literária e a formação de leitores. Assim, o trabalho, que não era fácil, tornou-se ainda mais desafiador em face do “pouco tempo” para pesquisar, estudar e praticar o uso de plataformas e aplicativos digitais que contribuíssem com a interação e a formação do gosto pela leitura dos alunos.

Os resultados do presente estudo apontam que as professoras colaboradoras compreendem a leitura em seu sentido amplo, cuja função não se limita à mera decodificação do código escrito, e reconhecem o poder transformador da literatura na formação leitora e humana dos alunos. Além disso, as docentes buscaram utilizar em suas práticas ferramentas tecnológicas que oportunizassem aos alunos o contato com as histórias e a construção de saberes de forma interativa e lúdica, o que reafirma a necessidade de implementarmos em nossas ações docentes a tecnologia e seus artefatos, com vistas ao desenvolvimento de novas habilidades e competências nos educandos.

Nessa perspectiva, acreditamos, assim como Silvestre, Nóbrega e Dalla-Bona (2021), que o contexto pandêmico evidenciou uma boa oportunidade para o desenvolvimento do letramento digital, isto é, das habilidades leitoras e escritas por meio de ambientes digitais. Para tanto, plataformas e redes sociais como *Google Meet* e *WhatsApp* tornaram possível o contato dos alunos que não tinham condições financeiras favoráveis de possuir livros físicos em casa, ao terem acesso a histórias a partir das narrativas nos canais do *YouTube* e a livros digitais compartilhados nos grupos de *WhatsApp* ou outro aplicativo de mensagens.

Além disso, destacam a necessidade de nos inserirmos, enquanto professores, na cultura digital e promovermos a formação de leitores através do letramento digital, pois, além dos *e-books*, ambientes bem organizados que integram linguagem verbal, visual e sonora, bem como jogos e brincadeiras para facilitar a compreensão e construção de sentidos da história por parte dos usuários, indicam possibilidades de trabalho com a literatura e, conseqüentemente, com o despertar do gosto e do prazer pelas histórias.

Referências

BEDRAN, B. **A arte de cantar e contar histórias**: narrativas orais e processos criativos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BEZERRA, K. G. C. S. **Expressão criativa e subjetividade na contação de histórias no Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas-BALE**. 2020. 245 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2020.

BUSATTO, C. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

CAVALCANTI, J. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica.** São Paulo: Paulus, 2002.

CETIC.BR. Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. **TIC kids online Brasil 2019.** São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.BR), 2020. Relatório técnico. Disponível em: <https://cetic.br/pesquisa/kids-online/>. Acesso em: 29 dez. 2021.

COELHO, B. **Contar histórias uma arte sem idade.** 10 ed. São Paulo: Ática, 2008.

MEDEIROS, S. M. C. **Práticas pedagógicas mediadas pelas tecnologias digitais e os Multiletramentos: uma análise sobre o ensino de língua inglesa na educação básica.** 2019. 188 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2019.

MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas: Papirus, 2000.

RIBEIRO, A. E. Que futuros redesenhamos? Uma releitura do manifesto da Pedagogia dos Multiletramentos e seus ecos no Brasil para o século XXI. **Diálogo das Letras**, v.9, n.e02011, p.1-19, 2020.

ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola, 2012.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus (Pandemia Capital).** São Paulo: Boitempo, 2020.

SILVESTRE, D. Z.; NÓBREGA, J. R. P.; DALLA-BONA, E. M. Possibilidades e desafios na formação do leitor literário em ambientes digitais. In: FOFONCA, E.; CAMAS, N. P. V. (org.) **Dos letramentos aos multiletramentos: percursos históricos e práticas escolares na cultura digital.** Rio de Janeiro: BG Business Graphics, 2021. p. 117-136. Disponível em: <https://businessgraphics.com.br/wp-content/uploads/2021/02/DOS-LETRAMENTOS-AOS-MULTILETRAMENTOS.pdf> Acesso em: 10 dez. 2021.

SISTO, C. **Textos e pretextos sobre a arte de contar história.** 3 ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Aletria, 2012.